Ano XXV — Lisboa, Outubro de 1969 — N.º 294

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

OS DUZENTOS E CINQUENTA ANOS DE UM LIVRO CÉLEBRE

Pelo Prof. A. ÁLVARO DÓRIA

Neste ano, já a aproximar-se do seu termo, e durante o qual o Mundo foi fértil em acontecimentos — infelizmente mais numerosos os infaustos do que os que trouxeram acréscimo positivo à felicidade dos homens — algumas datas têm passado a relembrar factos de outros tempos, alguns de modo lamentável esquecidos, tão vertiginosamente se desvanece no espírito do homem a lembrança de tudo quanto deveria constituir para ele motivo de orgulho.

Entre os acontecimentos dignos de se trazer à recordação dos jovens de hoje, salienta-se, a meu parecer, o da publicação de um livro que todos os moços do princípio deste século liam com entusiasmo e deleite, e, sobretudo para os Escoteiros, constitui admirável lição ainda válida nestes tempos em que a juventude se desorienta na busca de caminhos novos.

Trata-se do livro célebre de Daniel Defoe *A Vida e as Aventuras de Robinson Crusoë*, publicado pela primeira vez há exactamente 250 anos, obra de alto valor que alguns críticos consideram mesmo pioneira do romance moderno.

Deixando de lado, por impertinentes neste lugar, os aspectos meramente literários da obra famosa, parece-me útil salientar de preferência a sua faceta construtiva, daí colhendo a lição de perseverança, de tenacidade, de energia, de autoconfiança que o livro oferece a todos quantos o lerem e não o façam por simples desenfado.

Está hoje provado que Defoe — cuja vida agitada de panfletário uma vez pelo menos o levou à prisão e à exposição pública no pelourinho, conforme o costume bárbaro ainda em uso nos séculos XVII e XVIII em Inglaterra — se inspirou na aventura vivida pelo marinheiro escocês Alexandre Selkirk, um dia abandonado a seu pedido pelo seu comandante numa das ilhas do remoto arquipélago de Juan Fernandez, ao largo da costa do Chile.

Como é de sobra sabido, o imaginário Robinson — nome simbólico desde então — foi o único sobrevivente da perda da nau em que se dirigia do Brasil para a Guiné, naufragada, ao que se me afigura em face dos escassos elementos identificadores encontrados na obra, nas proximidades do rio Orenoco.

Ignora-se por que processo evolutivo no espírito altamente receptivo e criador de Defoe a aventura incolor do escocês, que viveu uns cinco anos na ilha completamente isolado de todo o convívio civilizado, veio a transformar-se na aventura de Robinson, sòzinho no seu rochedo durante 28 anos.

Procurado pelo escritor, Selkirk narrar-lhe-ia a sua odisseia, não se sabe em que condições e com que pormenores. Mas desse *fait-divers* do século, vulgar nesses tempos revoltos, resultou uma obra-prima de imaginação, que, nessa época em que domi-

Continua na pág. 7



XXII Conferência Mundial do Escotismo — Um aspecto do Centro Universitário de Otaniemi, em Helsínquia, durante a realização desta Conferência, onde estiveram 312 dirigentes escoteiros que representavam 65 países.

(Vide notícia na pág. 5)

I Exposição Geológica organizada pelo Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal

De 21 a 27 de Setembro p. p., decorreu na sede do Grupo n.º 8 da AEP uma exposição de geologia organizada pelos rapazes daquele brioso grupo de escoteiros.

«Sempre Pronto» esteve presente através das pessoas do seu director e redactores, e visitou, com muito agrado, a exposição, a qual pareceu cuidadosamente organizada, apesar de se notar alguma falta de técnica bem como uma certa rusticidade, devido à carência de meios, especialmente monetários, carência esta normalmente apanágio de determinados grupos.

Porém, apreciada no conjunto, a exposição estava muito positiva, podendo observar-se quatro enormes expositores de rochas e minérios, devidamente seleccionados, que continham para cima de seiscentos exemplares.

Também um expositor nos mostrava alguns trabalhos de pesquisa arqueológica, levadas a efeito especialmente na região de Tróia. Ainda num outro expositor, viam-se interessantíssimos trabalhos manuais para venda ao público, os quais depressa foram disputados e adquiridos pelos visitantes.

Falámos com o diligente chefe do grupo, o Sr. João Constantino, que nos disse:

— Temo-nos dedicado, em especial os caminheiros, à recolha de rochas e minérios nestes últimos meses de actividade e estamos entusiasmados com o trabalho desenvolvido. Para isso, tenho contado com a preciosa colaboração de dois caminheiros do grupo, que conhecem o assunto e têm desenvolvido todo o trabalho de orientação e recolha de elementos.

— Acerca da exposição, — atalhámos — foi bem correspondida?

— Estamos imensamente satisfeitos — esclareceu o chefe Constantino. — Muito público, pessoas amigas e grupos de escoteiros têm cá vindo e apreciado o nosso trabalho. Tivemos, por exemplo, as visitas do Sr. Professor Manuel Farinha dos Santos, conservador do Panteão Nacional de Santa Engrácia, entusiástico e distinto arqueólogo, dos directores da Sociedade Portuguesa de Espeleologia, Srs. Armando Cardoso e Lourenço Lopes Pereira, de muitos grupos do CNE, da Junta Regional de Lisboa do CNE, dos grupos 7, 19 e 94 da AEP. Só os nossos Serviços Centrais, para quem também enviámos convites e de quem esperávamos uma palavra de aplauso e de incitamento, se mantiveram silenciosos.

Depois desta troca de impressões com o chefe João Constantino, foi-nos facultado o Livro de Honra da exposição e não resistimos a respigar alguns passos de vários depoimentos:

«O Grupo de Escoteiros n.º 8 está de parabéns pela bela exposição geológica que nos proporcionou. Iniciativas sobretudo como esta mostram quanto a Natureza criada por Deus pode influenciar aqueles que dela se abeiram e com ela contactam, pois ela é um dos livros que Deus escreveu e no qual se revela...»

Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos
(presidente do Grupo)

«Gostei e gostámos. Espero que tudo vos corra o melhor possível dentro do mérito e valor que, como Homens, com certeza tendes».

Agrupamento do Lumiar do CNE

«São actividades deste género que, ocupando o tempo livre dos jovens, os distrai e cultiva. Parabéns e «toca» a prosseguir...

«Assim todos lucram: os rapazes e o Escotismo que demonstra alguns dos seus preciosos méritos».

Eduardo Coelho

«Felicitações pelo interesse da Exposição e faço votos por que desperte ainda em mais escoteiros o gosto pelas actividades espeleológicas e a descoberta de algumas das belas grutas de Portugal».

Armando Cardoso (S. P. E.)

«É de bastante interesse a apresentação de actividades como a que tive a oportunidade de aqui ver. Que iniciativas como esta se repitam e vão aumentando de interesse, para os jovens escoteiros!»

Lourenço Lopes Pereira (S. P. E.)

«Todo o escuteiro gosta de construir — essa é a sua missão — será um estímulo o começo desta vossa nova iniciativa. A actualização é parte do trabalho do jovem, mais a mais no mundo que hoje se vive.

«Aqui deixo um ARRAIAL pelo trabalho apresentado».

Chefe Regional adjunto do CNE

«Gostei da exposição. Parece-me um bom começo de uma actividade muito válida, tanto no aspecto desportivo, como cultural. Para que tal actividade ultrapasse a fase inicial em que se encontra, sugiro que este grupo principie a fazer espeleologia com uma equipa em que haja divisão de trabalho. Assim, interessará que alguns se dediquem ao levantamento topográfico das cavidades, outros à observação do ciclo hídrico, vários à bioespeleologia e também à observação das paredes onde podem vir a encontrar desenhos ou pinturas rupestres. Além destas sugestões, um conselho: não escavem o solo das grutas sem a presença de arqueólogos; na terra encontra-se todo um registo do Passado...

«Felicitando-os vivamente por esta iniciativa e esperando visitar outras exposições com mais elementos,

Manuel Farinha dos Santos.»

E pronto, aqui também deixamos registado o nosso **Bravo!** a este grupo, porque esta exposição nos garante que o «8 realiza no campo uma acção válida» e que «acção, actividade, Escotismo é o que nos demonstra» com semelhante iniciativa.

A. I.

Transcrições de «Sempre Pronto»

«O Clarim Evangélico», que se publica no Rio de Janeiro, Brasil, e dedica muita atenção ao Escotismo, teve a gentileza de transcrever, no seu número de Julho passado, trechos dos artigos «Escotismo e Política», do nosso colaborador Professor Álvaro Dória, e «O Papel da Religião no Escotismo», que disse publicar por considerar alguns conceitos «muito importantes e oportunos». Agradecemos.



António Carlos Martins Coelho



Em fins de Setembro passado, faleceu no norte de Moçambique, no cumprimento dos deveres militares e ao serviço da Pátria, o jovem antigo escoteiro do Grupo n.º 94, António Carlos Martins Coelho.

Este nosso antigo companheiro ingressou no Movimento em 1957, apenas com 10 anos de idade, como lobito. Em 23 de Junho de 1959, fez o compromisso de honra, transitando para a Divisão Escoteira, onde ingressou na patrulha Águia. Participou, com muito entusiasmo, em inúmeras actividades, entre as quais o Acampamento Regional Infante D. Henrique e a Romagem à Batalha, em Agosto de 1961. Nesse ano, foi transferido para a patrulha Cão, sendo nomeado subguia, cargo que ocupou até à sua retirada do Movimento, em 1964.

O Coelho, como era conhecido pelos seus camaradas, era por todos muito estimado, quer pelo seu carácter jovial, quer por se ter revelado um elemento assíduo e cumpridor.

«Sempre Pronto» presta sentida homenagem ao Escoteiro caído no cumprimento do Dever, apresentando aos desditosos pais, irmãs e avô condolências muito sentidas.

A Fraternidade Nuno Álvares Pereira da região de Coimbra vai ter a sua sede instalada num carro eléctrico?

A Fraternidade Nuno Álvares Pereira da Região de Coimbra, que reúne os nossos antigos camaradas do CNE, comemorou há pouco o seu 7.º aniversário, com diversas festividades.

Numa reunião recentemente realizada para apreciação dos trabalhos levados a efeito, houve uma resolução que, pelo seu ineditismo, merece referência especial: foi o facto de se ter deliberado pedir aos Serviços Municipalizados daquela cidade a cedência de um carro eléctrico, já retirado do serviço, para nele instalar a sua sede!

Eis uma curiosa decisão, de cunho verdadeiramente escotista. Fazemos votos por que esta diligência seja coroada de êxito.

RECORDAÇÕES DO 1.º JAMBORI MUNDIAL

49 anos depois!

Por ocasião do 1.º Jambori, realizado em Londres em 1920, os nossos onze representantes foram repetidas vezes obsequiados por várias famílias, destacando-se entre elas o casal Peterson e a família Galton — pai, mãe e três filhos: dois rapazes, ambos escoteiros, e uma menina, de nome Rosie, que fazia parte de uma companhia de Guias. Esta, apesar de ter apenas 11 anos de idade, já tocava órgão na sua igreja e foi ela quem tocou, e muito bem, o hino nacional português, quando os três escoteiros do Grupo 1 (União Cristã da Mocidade) foram assistir ao culto evangélico e foram recebidos à porta pelo pastor, que os levou para lugar de honra.

Pois a pequena Rosie, presentemente Mrs. Rosina Webb, que tantas vezes manifestara o desejo de visitar o nosso país, veio agora a Portugal acompanhada de seu esposo, Dr. Frank Webb.

Ao chegar a Lisboa, entrou em contacto telefónico com o Secretário-Geral da A. E. P., o nosso estimado amigo



Em 1920, a Cuia Rosie com os seus irmãos

Sr. Albano da Silva, um dos jamborianos de 1920. Apesar da sua curta estada em Lisboa — pois demoraram-se mais tempo em Sesimbra — teve oportunidade para um agradável encontro, aproveitando-o para relembrar alguns dos momentos vividos em 1920. A primeira pessoa por quem a senhora Webb perguntou foi pelo nosso amigo Humberto Martins, que era o mais velho e mais categorizado dos três representantes do 1.º Grupo, tendo sido possível proporcionar o encontro com este nosso companheiro.

Os nossos visitantes lembraram ainda os escoteiros Sobral Martins, saudoso companheiro já falecido, e o Sr. Dr. José Maria Galvão Teles, a quem não houve já oportunidade de convidar.

Este acontecimento prova bem os laços de amizade que os grandes encontros internacionais de escoteiros fomentam, criando relações e simpatias que resistem ao desgaste dos anos.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XII Jambori no Ar

A hora em que «Sempre Pronto» vai chegar às mãos dos seus leitores, já se terá realizado o XII JOTA, esta grande actividade escotista, à escala mundial, que oferece a oportunidade de os escoteiros de qualquer país contactarem com irmãos-escoteiros doutras cidades, doutras nações e mesmo doutros continentes.

No ano passado, foi assaz brilhante a participação portuguesa no Jambori no Ar, o que valeu a Portugal elogiosas referências no relatório publicado pela Secretaria Mundial do Escotismo, tanto mais de apreciar quanto se sabe como são limitados os recursos e a população escotista do nosso país.

O êxito do ano transacto ficou, em grande parte, a dever-se à dedicação e espírito organizador do secretário-adjunto da AEP, Sr. Justino Estêvão da Silva, que soube insuflar entusiasmo nos dirigentes dos grupos de escoteiros de norte a sul de Portugal e até do Ultramar.

Prevê-se, por isso, que este ano se colham resultados não menores, já que a sua organização continua confiada àquele dedicado dirigente associativo, que, inteligentemente, chamou, para o auxiliar na árdua tarefa, alguns elementos, o que permitirá uma útil distribuição de trabalhos.

No próximo número contamos publicar desenvolvida reportagem sobre este acontecimento.

No Centro Ecuménico Reconciliação da Figueira da Foz

I Encontro para Dirigentes de Juventude

De 10 a 12 de Outubro corrente, realizou-se na Figueira da Foz, no Centro Ecuménico Reconciliação, este encontro para estudo dos problemas da juventude, para o qual foram convidadas pessoas de diversas condições sociais, culturais, religiosas, tais como professores liceais e universitários, assistentes sociais, dirigentes de organizações sociais, estudantes, sacerdotes, pastores e outros.

Os temas propostos eram «O Jovem e a Família», «O Jovem e a Sociedade», «A Formação Espiritual do Jovem» e «O Jovem e a Escola», que foram apresentados pela assistente social, Sr.ª D. Alzira Luísa Fraga da Costa e pelos Srs. José Carlos Pais de Melo Heitor, estudante; Pastor Mário Ferreira Neves, Rúben Pereira, estudante; Prof. Pedro Resa, secretário da A. C. M. de Coimbra; Joel Pinto, antigo escoteiro e secretário do Departamento de Juventude da Igreja Presbiteriana; Dr.ª Maria Helena Lains, professora; e Mário Neto, estudante.

Apresentadas as teses, foram estabelecidas amplas discussões sobre os temas propostos.

José Cândido de Jesus Rana

Depois de longa estadia na província da Guiné em actividade profissional, voltou a fixar residência em Lisboa o nosso estimado amigo e companheiro José Rana, que foi escoteiro dedicado do Grupo n.º 53 de Lisboa, um dos componentes da sua equipa de Caminheiros, que tanto se notabilizou na vida daquele Grupo, hoje infelizmente inactivo.

AO SERVIÇO DA PÁTRIA
FURRIEL MILICIANO — ANTÓNIO JOSÉ DIAS DE ALMEIDA CHAVES, CAMINHEIRO DO GRUPO N.º 94 — LISBOA
GUINÉ PORTUGUESA

Do Chaves, elemento antigo do 94, recebemos uma interessante missiva oriunda de Susana, Guiné Portuguesa, perto da fronteira com o Senegal.

Aplicando os princípios adquiridos no Escotismo, aproveitou já o seu tempo para a observação do ambiente local.

Não resistimos a transcrever alguns parágrafos da sua carta:

«Como sabes, a Guiné é a província ultramarina com maior disparidade demográfica e esta região de Susana é povoada pela raça Felupe.

«Estes sujeitos, que eram antropófagos e hoje pràticamente não são, (digo pràticamente porque ainda bebem por caveiras, especialmente dos «turras» que apanham) são muito nossos amigos.

«Todas as Tabancas da região estão armadas pelo nosso exército.

«São, como não podiam deixar de ser, os guerreiros mais temidos da Guiné e, como predicado especial, raro nas raças indígenas, possuem o sentido da Justiça e da Seriedade bem vincado...

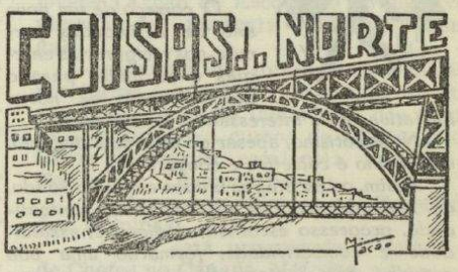
«... Como aqui há bastante miudagem, e aproveitando as qualidades desta raça, pedi ao nosso Capitão se me deixava formar aqui **um Grupo de Escoteiros.** *Ele, sem olhar para trás, autorizou-me.*

«E, devido a este facto, estou escrevendo-te para me fazeres o favor de me mandares todos os livros que achares conveniente para a missão a que me propus...»

É assim o escotismo. Faz criar nos elementos válidos que por ele transitaram a responsabilidade da sua expansão, para que outros venham a ter a oportunidade de usufruir as vantagens deste método educativo.

Parabéns, Chaves, e bom escotismo!

A. I.



Um exercício do Grupo n.º 44, Gaia

Em 28 de Setembro passado, o Grupo n.º 44 promoveu um interessante exercício de exploração no Monte da Virgem e nele tomaram parte as patrulhas S. Jorge e Lobo, ambas deste Grupo.

A prova de exploração foi preparada de molde que entrassem em competição ambas as patrulhas. Foram dadas as coordenadas de um ponto na carta topográfica onde teria uma pista por indícios, que levaria a patrulha mais hábil a um dado ponto onde teriam de descobrir um «tesouro» escondido, representado por material para a patrulha vencedora. O percurso foi de 6 km. aproximadamente, competindo às patrulhas cumprir várias tarefas a fim de acumularem pontuação. No fim do exercício, saiu vencedora a Patrulha S. Jorge com boa diferença de pontos.

O planeamento e montagem do jogo esteve a cargo do Chefe do Grupo Sr. Joaquim da Rocha Saraiva, auxiliado pelos Srs. Arlindo Guedes Maia e João Pereira da Silva, respectivamente chefe ajudante e chefe de tribo. — **Águia Branca.**



PÁGINA DO ESCOTEIRO

PARA O FOGO DO CONSELHO



Por acharmos interessante e até de certo modo original para uma representação do fogo do conselho, transcrevemos do número de Outubro de 1923 do jornal da AEP «*O Escoteiro*» a descrição que abaixo inserimos.

Pensamos que, convenientemente adaptado, dê um número vistoso, cheio de graça e sabor escoteiro.

Os nossos fogos de conselho carecem de números bem apresentados, bem ensaiados e, acima de tudo, bem originais e com cunho escoteiro muito acentuado.

Francamente, pouco temos visto de bom nos jogos que dirigimos ou a que assistimos.

Há que melhorar. A linguagem a usar deve ser correcta e os números a exibir hão-de trazer, bem assente, o 10.º artigo da Lei.

Nas canções, gritos e cegarregas, devemos dar toda a nossa alma e não sermos apenas mudos espectadores duma chama que arde para os outros.

ARMANDO INÁCIO

O Uivo do Velho Lobo Solitário

Caros Irmãos:

Vou contar-vos hoje uma interessante cerimónia em uso entre os P. V. (1). Chama-se a *cerimónia do Cachimbo da Paz*. Entre nós, caríssimos Irmãos, esta cerimónia faz-se quando duas Tribos (dois grupos) se visitam. Eis o modelo do cachimbo usado:



O Arauto, Feiticeiro ou Homem-Medicina, posta-se no centro do círculo formado pela Tribo, junto da fogueira do acampamento, envolto num manto de lã vermelha. Enche o cachimbo de ervas secas e lança-lhes o fogo. Em seguida, vira-se para o Conselho e diz;

— Ouvi-me, ó meus Irmãos, por que vamos ter Conselho!

E, sempre com o cachimbo entre as mãos, diz:

— Ó fogo, sagrado, símbolo do Bem de que os nossos corações estão cheios, do nosso ardor, da nossa juventude, da nossa energia e do nosso Ideal!

E, elevando o cachimbo para o céu, exclama:

— Ó Grande Espírito! Que a Tua sabedoria seja connosco!

Todos os do Conselho se inclinam e cantam com voz triste:

— *Hay-oon-ki-ya. Noon-way!* (2).

Depois, o Arauto inclina-se para o solo e, ajoelhando, diz:

— À nossa mãe ubérrima, a Terra, para que nunca nos falte o alimento!

E o coro:

— *Noon-way!*

Com o cachimbo voltado para o sul, o Homem-Medicina dirá:

— Ó vento Sul! Envia-nos o teu calor!

E todos os outros:

— *Noon-way!*

Depois, virando-se para o norte, exclama:

— Ó tu, vento do Inverno, não nos molestes com a tua frialdade!

O coro repete:

— *Noon-way!*

Volta-se então o Feiticeiro para oeste e diz:

— Ó vento do Mar! Poupa-nos as longas chuvas, que nos trazem pensamentos tristes!

Todos respondem:

— *Noon-way!*

E, voltando-se para leste, o Homem-Medicina, exclama:

— Ó vento do Nascente! Traz-nos diàriamente a alegria e o sol!

E todos os outros:

— *Noon-way!*

Então o Feiticeiro levanta o cachimbo e diz:

— Meus Irmãos! Não temamos nada, porque a sabedoria do Mundo está connosco. Podemos começar o Conselho.

E, dito isto, o Homem-Medicina toma o seu lugar e todos esperam a sábia e prudente palavra do Chefe que tudo sabe e tudo conhece.

Em vez do cachimbo, podereis usar uma acha ardendo, o que dará mais encanto à cena, especialmente se esta, ó Irmãos da Selva, for de noite.

— E, isto dito, retiro-me.

Boa Caça!

O Velho Lobo Solitário falou.

(1) — P. V. — Peles Vermelhas; R. P — Rostos Pálidos.

(2) — Pronuncia-se: Ai-unn-qui-iá.Nunn-uei.

Publicado em «O Escoteiro» da AEP, Outubro 1923

PARA TI, IRMÃO ESCOTEIRO



Com o mês de Outubro, iniciou-se, como sabes, o Ano Escotista.

O começo de um novo ano de actividades permite-nos revigorar as energias e as ideias para o despertamento de novas iniciativas e de interessantes actividades.

No escotismo, apesar do esforço individual, o trabalho é colectivo e cooperativo.

Assim, os escoteiros unidos em bloco sólido, de amizade, espírito de iniciativa, pontualidade, progresso escotista, dedicação, assiduidade e combatividade, formarão uma boa patrulha que, juntamente com outras duas, farão do teu grupo o melhor.

Não esperes que o teu chefe te leve ao campo e que te proporcione jogos e actividades de que tanto gostas.

Não esperes que o teu guia de patrulha te desperte, te faça jogar e correr.

Não esperes que os teus companheiros te entusiasmem e que te arrastem para a actividade.

Não esperes...

Tu, meu irmão, é que deves agitar, correr, ganhar, propor e realizar.

Vá, conquista as provas de classe ràpidamente e arrebata para o teu braço a almejada especialidade de «Campista» que todos adoram mas que nenhum dos teus companheiros possui.

Sê o primeiro... e vence. Nunca desanimes!

Se assim fizeres, podes ter a certeza do que diz este velho lobo:

— Tu serás o melhor escoteiro deste ano.

— A tua patrulha será sempre a primeira.

— O teu grupo será olhado com admiração.

O novo Ano Escotista começou e o escotismo espera que tu comeces também.

Um abraço do

PATA DE LOBO

Jogos para a tua Patrulha

Jogo de Morgan

(Jogo de observação)

Os Escoteiros partem correndo direitos a uma parede, onde haja vários cartazes e anúncios.

Aí encontra-se um árbitro que lhes dá um minuto para observarem a parede.

Passado esse minuto, os Escoteiros voltam correndo ao ponto de partida e descrevem ao chefe do Grupo os cartazes que viram.

Ganha aquele que fizer a melhor descrição.

Todos se enganam

(Jogo de memória)

Colocam-se os Escoteiros em círculo e aquele que dirige, e que deverá ter de memória as frases dadas abaixo, diz para o companheiro da direita:

— Um.

Este, por sua vez, volta-se para o seguinte e repete a mesma palavra. E assim vai correndo a roda até chegar ao ponto de partida. O primeiro Escoteiro torna a repetir a frase e junta:

— Dois dados.

Torna a correr a roda e de cada vez o Escoteiro ou chefe que dirige o jogo, repete a frase anterior, acrescentando uma nova.

Os que se enganarem saem do círculo e perdem o direito a continuar.

As frases são, pela sua ordem:

— Um.

— Dois dados.

— Três tubos tortos.

— Quatro quartolas quase quebradas.

— Cinco cestos chatos cheios chegam.

— Seis sacos sem sêmeas sempre sobram.

— Sete sapateiros sentem serpentes silvando sem serenar.

— Oito obras ortopédicas organizadas ou outras obtusas operações.

— Nove novos nababos narram narrativas nunca na nobreza narradas.

— Dez destros diligentes despachados dedos desatracam dum dique duas dragas.

Publicado em «O Escoteiro» da AEP Outubro 1923.

Vale mais criar amizades duráveis que confraternizar ruidosamente.

(Do relatório 1972 — ANO EUROPEU DE FRATERNIDADE ESCOTISTA).

NA FINLÂNDIA 22.ª Conferência Mundial do Escotismo

Esta Conferência reuniu de 21 a 27 de Agosto passado, no moderno Centro Universitário de Otaniemi, em Helsínquia, com a presença de 312 dirigentes escoteiros, estando representados 63 países por delegados e 2 países por observadores, e ainda membros da Comissão Mundial, Secretariado Mundial e Secretariados das Regiões Europeia, Arábica, Interamericana, Centro-Africana e do Extremo Oriente. Foi uma das Conferências mais concorridas, talvez em virtude dos temas principais debatidos:

— Formação de dirigentes escoteiros;
— Renovação dos meios de acção do Escotismo com vista à sua adaptação às actuais exigências dos jovens.

Como representante de Portugal (A. E. P.) esteve presente o Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, que foi portador de vasta documentação dos trabalhos ali realizados, de que tenciona dar conhecimento aos chefes de todo o país.

Sob o aspecto administrativo tiverem especial importância os seguintes factos ou resoluções:

— Apreciação e aprovação do relatório bienal do Secretariado Mundial;
— Apreciação dos Relatórios dos Secretariados Escotistas Regionais;
— O incremento de angariação de fundos financeiros mundiais, com o objectivo de aumentar cada vez mais as possibilidades do Escotismo Mundial e o auxílio àquelas associações nacionais que mais necessitem;
— Constituição duma Fundação Mundial Escotista, cujos proventos serão aplicados para o desenvolvimento do Escotismo;
— Constituição do Fundo Universal Escoteiro, que reunirá todas as contribuições que anteriormente se destinavam:

— ao Fundo à Memória de B.-P.;
— ao Fundo de Escoteiros diminuídos;
— ao Fundo do Dia Mundial da Amizade ou outros fundos.

A escolha da designação deste F. U. E. recaiu sobre a proposta feita por um Escoteiro da Nova Zelândia, Maxwell J. Cawte, de 12 anos, que, assim, ganhou uma viagem ao Japão e estadia gratuita no próximo Jambori. Esse Escoteiro teve a honra de receber uma chamada telefónica da sala da conferência e em complemento da troca de palavras com alguns dirigentes, ter ouvido os aplausos da assembleia enquanto esta via projectada a fotografia desse escoteiro com a família, todos escoteiros.

NOVOS PAÍSES MEMBROS

— Admissão e reconhecimento de 6 novas associações escotistas nacionais:

— Botswana
— Surinam
— Suazilândia
— Nepal
— Etiópia
— Barbados

Passaram a existir 98 países membros do Escotismo Mundial, com cerca de 12 milhões de membros.

CONDECORAÇÕES

— Aprovação e entrega da condecoração do Escotismo Mundial — **Lobo de Bronze** — a sete dirigentes que deram uma contribuição muito especial ao Escotismo:

Ali Dandachi (Síria); Niels Engberg (Dinamarca); Irving Feist (U. S. A.); Alfred W. Hurll (Inglaterra); Nioz M. Khan (Paquistão); Shriwati Mazumdar (Índia) e Gustavo Vollmer (Venezuela).

ELEIÇÕES

Foram eleitos novos membros para a Comissão Mundial do Escotismo:

Emmett Harmon (Libéria); Sten J. Kyhle (Suécia); Saburo Matsukata (Japão) e John Miner (Canadá), que vão substituir Gustavo Vollmer (Venezuela); Henry Bourreau (França); N. M. Khan (Paquistão); e C. C. Mojekwu (Nigéria).

ESTUDO DA FORMAÇÃO ESCOTEIRA

Os assuntos especialmente estudados e debatidos nas secções plenárias e nos grupos de trabalho foram os relacionados com a Formação, não só de dirigentes como dos próprios escoteiros e neste particular o estudo da evolução e da modernização de algumas técnicas ou maneiras de aplicação da metodologia escotista.

Convirá notar que, por vezes, mesmo entre os dirigentes e associações de técnicas avançadas, muito se fala de inovação, de aplicação de novos métodos, dando a impressão que estaremos em presença dum novo Escotismo ou de um Escotismo mais evoluído ou modernizado, que chega mesmo a querer desprezar B.-P., onde este lembrava, com o seu espírito observador e crítico, que «O Escotismo não é uma ciência». Não o compliquemos demasiado com teorias que não chegam ao rapaz, nem queiramos apresentar como novo aquilo que é velho no Escotismo mas que tem sido alterado e modificado talvez indevidamente; em vez de modernização e inovação, foi afirmado, haverá muitos casos, em que deverá voltar-se aos verdadeiros princípios e métodos bases preconizados por B.-P.; talvez com algumas adaptações aos tempos modernos e suas técnicas e novas exigências dos jovens, mas mantendo e aplicando cabal e eficazmente os métodos e princípios basilares que continuam a ser válidos.

Houve debates sobre os assuntos da agenda e algumas delegações apresentaram relatos de casos concretos de experiências feitas. Em resumo, os principais assuntos abordados foram:

— Apresentação e apreciação do Relatório da Subcomissão Mundial para a Formação, com as recomendações que propôs à 22.ª Conferência Mundial;
— Apresentação e apreciação do Relatório sobre o Treino e Formação de Chefes Escoteiros na região do Extremo Oriente (1967-68);
— «A formação de quadros dirigentes nos movimentos juvenis» (Pierre François);
— «O Escotismo e a formação religiosa» (Michel Rigal). Bela peça de meditação, que atraiu a atenção para o problema da formação espiritual do jovem com base num conceito de religiosidade a sobrepor-se ou a substituir o seguimento duma religião, se esta não encontra ambiente no íntimo do indivíduo. Importância dessa religiosidade e necessidade da sua existência, mesmo quando se segue uma determinada religião.

Como apreciámos esses princípios, que, afinal, são aqueles que sempre temos defendido nos Escoteiros de Portugal, como associação aberta que é a todas as religiões. Quase foi definido um conceito lato de religião — lato mas convicto, consciente e actuante.

— «Os Centros de Formação» (John Thurman, de Gilwell Park). Breve resenha dos diversos Campos-Escolas espalhados pelo Mundo e por ele visitados. Características aconselháveis.

— «A formação de Chefes-Escoteiros permanentes e de tempo integral» (Jorge Toral, da Subcomissão Interamericana para a Formação).

— «Programação e técnica de organizar e dirigir sistemas de formação com um máximo de participação dos candidatos» (B. Banathy). Interessante trabalho que relata os resultados e modos de actuar tendentes a provocar uma intervenção activa dos candidatos desde a preparação dos programas até ao estudo e aplicação dos ensinamentos. Poderá chamar-se a isto uma tentativa, um tanto ou quanto orientada cientificamente, para reconduzir, ou melhor, aplicar o Sistema de Patrulhas duma maneira mais completa e perfeita.

— «A unidade no Movimento Escotista Mundial» (apresentado pela Associação Britânica). Foca principalmente a necessidade de manter a unidade dos princípios-base do Escotismo através dos vários países, criando uma maior ideia de unidade e amizade entre os escoteiros para além das diferenças de origem; como consequência dessa unidade e para a servir melhor, aconselha-se a constituição de movimentos únicos em cada país, devendo-se procurar essa unificação nos países onde haja mais que uma associação.

— «O que cada Chefe deve conhecer acerca de socialização» (R. Helanko — Finlândia). Estudo aprofundado sobre as características dos grupos de indivíduos através das várias idades e sua adaptação ou tomada em consideração no Escotismo. Uma teoria da organização da vida social (convivência e formação de grupos) desde os jovens até aos adultos — suas características principais.

— «Relação do Escotismo com as autoridades e prestação de serviços na protecção civil» (Federação dos Esc. Italianos).

— «A evolução da formação cívica dos jovens (Acção do Escotismo no desenvolvimento das nações)» (N'Diaye — Senegal).

— «Sistema de formação organizado por forma a adaptar o programa dos cursos às necessidades individuais dos alunos (sua aplicação a cursos de Chefes Escoteiros de vários escalões)» (Assoc. de Escoteiros Dinamarqueses).

— A formação religiosa nos Escoteiros das Filipinas.

— Como está organizada a formação de Chefes no Canadá. Métodos, programas e resultados obtidos.

— Elementos sobre a modernização do Escotismo no Canadá. Relato sobre algumas inovações.

Todos os assuntos e aspectos atrás focados foram estudados e debatidos em grupos de trabalho, nos quais se inscreviam os delegados consoante a sua predilecção ou conhecimentos. Como havia grupos a trabalhar simultâneamente, recomendava-se que os diversos delegados de cada país se repartissem por todos os grupos. No caso de Portugal isso não foi possível, visto que estava um só delegado. Perdeu-se, assim, uma oportunidade de um maior e mais directo contacto, com apreciação conjunta e troca de resultados e de experiências que é sempre muito vantajosa.

Foram apresentados vários inquéritos: um pelo Secretariado Europeu e outro pelo Secretariado Mundial.

Quer-se evoluir e programar, baseado nas opiniões do maior número possível de elementos.

Continua na pág. 6

Começaram os preparativos para o 13.º Jambori Mundial

A cerimónia do primeiro golpe de picareta, celebrada na mais pura tradição por sacerdotes sintoístas, deu o sinal para o início dos trabalhos para a preparação do local destinado ao 13.º Jambori Mundial, que se deve realizar de 2 a 10 de Agosto de 1971, em Asagiri Heights, Japão, à sombra do Monte Fuji.

Mais de dois mil escoteiros e personalidades civis e governamentais tomaram parte nesta celebração. O Sr. Taizo Ishizaka, presidente do Movimento Escoteiro do Japão, sublinhou a alegria profunda de ver o seu país tornar-se o anfitrião de cerca de 12 000 escoteiros vindos de todas as partes do mundo, reunião que classificou de «grande marcha da juventude sob o estandarte da Compreensão».

«Isto será para nós — disse ele — ocasião quase única de marchar, **mão na mão**, com a juventude universal».

Após esta cerimónia, as forças de defesa civil iniciaram os primeiros trabalhos de preparação do campo, bem como de construção de estradas. Espera-se que ainda este ano estejam completados 80 % dos trabalhos.

Entretanto, de todas as partes do mundo chegam respostas muito encorajantes, verdadeiro eco do grito de reunir lançado pelo Japão com vista ao 13.º Jambori. A Associação dos Escoteiros do Reino-Unido anunciou a participação muito provável de um contingente de 500 a 700 delegados, os Escoteiros da América, cerca de 2 500, e o Canadá, mais de 375. A Bélgica, por seu lado, enviará um «Boeing» 707 cheio de escoteiros. Isto sem enumerar todos os outros países que se preparam para mandar igualmente delegações muito representativas.

Devemos notar que a Bélgica decidiu renovar a experiência feita por ocasião do Jambori dos Estados Unidos. Oportunamente, foi lançada uma vasta campanha para que os Escoteiros economizem durante quatro anos o montante necessário para efectuar a viagem. O Sr. P. Tossijn, comissário internacional da Bélgica, escreve a este respeito: «Tenho o prazer de anunciar que a campanha começou e que nesta data mais de 100 escoteiros estão já inscritos».

Da parte dos países asiáticos, a resposta tarda a chegar, em virtude da actual conjuntura económica. Entretanto a situação nestes países poder-se-á restabelecer até 1971 e é de esperar que possam enviar numerosos escoteiros ao 13.º Jambori Mundial. — *Serviço «World Scouting Feature».*

OUTRAS NOVIDADES DO JAMBORI

Um dos números deste acampamento mundial será a Grande Parada no centro da cidade de Tóquio, que reunirá representantes de todos os contingentes.

Os escoteiros japoneses ajudarão os contingentes que o desejam a comprar ou a alugar no Japão todo o material de campismo para o Jambori, evitando assim que o tenham de transportar até lá. Quem estiver interessado em usufruir desta vantagem, deve avisar com antecedência.

22.ª Conferência Mundial do Escotismo

Continuação da pág. 5

Foi também apresentado o resultado do inquérito feito pelo Secretariado Mundial concernente às revistas e jornais escotistas que se publicam em todo o Mundo — uma lista extensa.

Em complemento da Conferência, foram organizadas diversas exposições pelas delegações nacionais e regionais, distribuída inúmera literatura turística, bem como recepções de convívio organizadas pelas delegações de vários países.

Os Escoteiros Finlandeses organizaram uma excursão ao seu Parque de Escotismo e Campo-Escola onde fizeram prova dos seus elevados conhecimentos de técnica de campo. Uma banda de escoteiros tocou uma marcha composta pelo célebre compositor finlandês Sibelius, dedicada a um grupo de escoteiros, uma das primeiras composições do ainda jovem músico.

O delegado português, com outros do México, do Egipto, do Irão, da Itália e da Libéria, foi obsequiado com uma inesquecível recepção em casa de uma família finlandesa, onde lhes foi dispensado carinhoso acolhimento, que terminou, bem à finlandesa, com um Sauna, seguido de um mergulho na água do lago fronteiro, não fosse a Finlândia a terra dos 60 mil lagos, onde a sua superfície quase iguala a da parte sólida do país.

E assim terminou mais uma Conferência mundial de Escotismo, onde, a par dos problemas debatidos, foram criadas novas amizades e melhor se compreenderam os delegados dos diversos povos que aí se juntaram, dentro do grande espírito de fraternidade escoteira.



No Caso Kennedy não haverá política de Partidos?

Nunca pretendemos infiltrar-nos nos emaranhados da política de partidos, por nesta, regra geral, pouco ou nada se aproveitar para entrarmos no caminho que nos conduza à paz, sem a qual não concebemos progresso social digno de tal nome.

A Imprensa de todo o Mundo tem-se ocupado de Edward Kennedy, julgando-o capaz de assassinar uma dama. Quando esboçámos as linhas intituladas «Os irmãos Kennedy, exemplos vivos de paz e amor», insertas em «Sempre Pronto» de Agosto, estávamos longe de pensar nos acontecimentos que deram azo a comentários tendentes a que a opinião pública julgue de um homem, que veio ao Mundo para espalhar paz e amor, um assassino.

A política de partidos, regra geral, faz da verdade mentira e vice-versa. Somos zero em relação aos humanitários irmãos Kennedy, mas porque uma voz íntima nos segreda que eles são incapazes de matar, rogamos a Deus que luz se faça no caso Kennedy, para que a semente por eles lançada no sentido de paz e amor de que a humanidade está carecida, venha a frutificar.

J. Piscarreta

PREZADO LEITOR:

A leitura de «Sempre Pronto» suscitou-lhe algum pensamento, discordância ou aprovação? Pois escreva algumas linhas, que teremos muito gosto em publicar.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O livro e a imprensa

O livro e a imprensa são as invenções mais destacadas do génio do homem. O aparecimento do livro, a invenção da imprensa e a descoberta do papel, traçaram na vida dos povos o caminho da cultura, dando à humanidade os meios de progredir, aumentando cada vez mais os processos e os métodos, explorando tudo quanto a capacidade do espírito humano tem feito para melhoria de uma civilização.

O livro dá-nos a conhecer, com profunda realidade, em páginas exuberantes de beleza, o produto extraordinário da intelectualidade do género humano; a imprensa aproxima-nos dos povos mais distantes, trazendo até nós, diàriamente, tudo quanto se passa em todos os sectores da vida humana. A sua função cultural e formativa, bem orientada, é duma utilidade elevada, por se tratar de um meio acessível de aquisição. O papel, que tornou possível à imprensa registar os caracteres formando o jornal e o livro, merece ser focado com entusiasmo, pelo seu lugar no seio da cultura.

O livro, a imprensa e o papel constituem, portanto, uma trilogia maravilhosa que o espírito inventivo do homem legou à humanidade.

Fernando Bahia dos Santos

CARTA DE LUANDA

«QUERO LANÇAR A IDEIA DE SE PREMIAREM OS MELHORES ESCOTEIROS DE CADA GRUPO COM UMA ASSINATURA DO «SEMPRE PRONTO» PAGA POR ANTIGOS MEMBROS DE CADA UNIDADE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL» — SUGERE ANTÓNIO DE JESUS BRITO, CHEFE ESCOTEIRO EM LUANDA

Este antigo membro do Grupo n.º 6, de Olhão, presentemente a colaborar com o Escotismo em Luanda, envia-nos desta cidade a importância de uma assinatura de «Sempre Pronto», acrescentando: «Destina-se a uma assinatura a ser feita em nome de um Escoteiro do Grupo n.º 6, de Olhão, que a mereça, pedindo para isso que seja consultado o Chefe daquele Grupo.

«No fim deste ano, o Chefe do Grupo fará o favor de indicar se a assinatura deve continuar no nome do mesmo Escoteiro ou se há outro que melhor a mereça. Por outras palavras: Pagarei todos os anos a assinatura, mas o beneficiário dela será o Escoteiro que mais a mereça.

«Daqui lanço esta ideia, na certeza de que ela vai ser secundada por outros Antigos Escoteiros, que desejem premiar um membro do seu antigo grupo».

«Sempre Pronto a Servir»

António de Jesus Brito

OS DUZENTOS E CINQUENTA ANOS DUM LIVRO CÉLEBRE

Continuação da pág. 1

nava ainda o soporífero romance lírico-pastoril, a que iria suceder o sentimental *llorón* e de grande metragem, é o primeiro romance realista, paradoxalmente nascido de uma fantasia infinita.

Porque, na verdade, se as aventuras de Robinson excedem em muito as na realidade vividas pelo pobre marinheiro escocês, elas têm um cunho de verdade que ainda hoje causa profunda impressão no leitor.

Não sei quais teriam sido as verdadeir s intenções de Defoe escrevendo a e publicando o seu livro, em idade já a aproximar-se da velhice, e criando um herói diferente de todos os conhecidos até então, sendo caso surpreendente que o autor de virulentos panfletos políticos e sangrentas sátiras em verso e, para mais, o pai do jornalismo inglês, em certo momento da sua acidentada carreira de escritor e de político produzisse a única obra que o consagrou mundialmente e para sempre, sem qualquer relação com tudo aquilo que antes escrevera e os romances que ainda viria a escrever.

Devem os meus leitores conhecer o entrecho do livro célebre para se tornar necessário dar dele aqui um resumo. Limitar-me-ei por isso a salientar apenas a lição que se me afigura ser possível tirar da obra famosa, independentemente de ser ou não ela a que o autor pretendia dar com o seu livro.

Abandonado e quase nu em ilha tropical de vegetação exuberante, tendo retirado do navio naufragado tudo aquilo que à sua inteligência pareceu útil, Robinson refaz, no decurso de 28 anos, a marcha vacilante ou decidida do Homem à superfície da Terra, progressivamente partindo do mais baixo estado de carência até ao relativo conforto de que disfrutava quando deixou o seu refúgio.

Servindo-se das ferramentas que trouxera da nau perdida, constrói a pouco e pouco os toscos móveis que lhe ornavam a caverna onde viveu; semeando sementes descobertas na despensa de bordo, colheu cereais desenvolvidos ràpidamente no clima tropical da ilha; a pólvora encontrada proporcionou-lhe a caça dos animais selvagens que viviam nos montes e nos bosques ilhéus, e quando lhe acabou a provisão da pólvora, a sua indústria levou-o à fabricação de um sucedâneo que lhe permitisse utilizar as armas de que dispunha.

Em face da natureza, sempre Robinson se revelou o homem ousado e sensato que era, uma vez convencido de não mais poder voltar ao convívio da civilização.

Desesperado nos primeiros momentos em que se convenceu de ser o único sobrevivente do naufrágio, a pouco e pouco se adapta à sua nova condição e a ponto tal que alimenta grandes receios ao descobrir pela primeira vez uma pegada que não a sua, gravada na areia da praia.

E que não eram infundados esses receios provou-se mais tarde quando se lhe deparou o espectáculo pavoroso da imolação dos prisioneiros de guerra conduzidos para a ilha por selvagens antropófagos do continente vizinho. Mas a sua generosidade natural fá-lo revoltar-se contra o sacrifício de vítimas inermes, daí resultando salvar a vida de uma delas, que veio a ser o seu fiel Sexta-Feira.

O ruído das armas de fogo afugenta os selvagens que jamais o tinham ouvido, com o que entrou a tranquilidade no coração de Robinson, desde então votado à educação de Sexta-Feira, missão de que o desterrado procurou desempenhar-se de acordo com os seus sentimentos de homem civilizado e cristão.

E são esses sentimentos que, compartilhados pelo companheiro indígena, o levam depois a salvar o capitão de um navio inglês, também abandonado na ilha pela tripulação revoltada, o que foi a causa da libertação de Robinson e da volta à sua pátria.

No seu dilatado tempo de isolamento no meio de uma natureza que lhe não foi hostil — único pormenor que me parece afastar-se da verdade, tratando-se de ilha da zona tropical, na sua grande maioria infestadas pelo menos de répteis e de insectos — Robinson, enquanto, por um lado, se ia adaptando ao seu novo estado, pelo outro não se deixava recair no selvagismo, conservando-se homem civilizado naquele meio selvático.

Eis o ponto que creio digno de meditação e de apresentar-se como paradigmático à juventude dos nossos tempos, que tão desorientada me parece na busca de novas rotas. Robinson, na sua ilha, constitui para nós ainda hoje um exemplo, embora romanesco, do poder da vontade quando aliada à inteligência e ao coração. Já Rousseau, no seu livro célebre *Emílio*, dizia ao seu herói que sendo-lhe «absolutamente necessários livros, um há que, em minha opinião, constitui o mais feliz tratado de educação natural» e não era de Aristóteles, de Plínio, nem de Buffon, mas o de Defoe.

Se os cépticos podem sorrir-se ao verem que ponho em destaque um «tipo» de criação meramente literária em vez de um da vida real, nem por isso o exemplo deixa de ser válido, porquanto o caso de Robinson foi depois vivido por alguns seres humanos autênticos e em condições muitíssimo mais rigorosas do que as do herói de Defoe. Estou neste momento a recordar-me de um livro hoje completamente desconhecido, que fez as delícias da minha infância remota e voltei a ler com prazer na minha mocidade, escrito por um dos heróis dessa odisseia vivida há mais de cem anos numa remota ilha dos mares do Sul, já nas proximidades da Antárctida — *Os Náufragos das Ilhas Auckland*, da autoria do francês F. E. Raynal, um dos cinco náufragos, entre quem figurava um açoriano.

Mas se neste livro o facto de tratar-se de um grupo algo numeroso de homens — que pelos fortes laços da mais perfeita solidariedade conseguiram sair vitoriosos da luta contra o ambiente — faz divergir a aventura da que foi vivida idealmente por Robinson Crusoë, as duas obras, completando-se, oferecem uma dupla lição de energia, de perseverança, de tenacidade e de fé, sobre que eu desejaria a juventude de hoje pudesse curvar-se para nela meditar e dela recolher as linhas normativas para uma vida verdadeiramente humana e dignificadora, pela aliança, já acentuada atrás, da Inteligência, da Vontade e do Coração.

Tribuna dos mais novos

O Escotismo é grande e acolhedor

por EDUARDO MIRAGAIA

Quando cheguei a Austerlitz, senti-me esmagado pelo movimento da grande gare! Mas algo me ajudou a familiarizar-me com tudo aquilo que até então me era desconhecido.

Era mesmo um escoteiro que eu estava a ver no meio da multidão e que apressadamente saía, entrando numa azáfama constante. Corri para ele e orgulhoso mostrei-lhe o meu cartão de escoteiro.

Era o meu primeiro contacto em Paris, um bom contacto, pois que nem a diferença de idiomas notámos ao travarmos conhecimento. E que interessava que fôssemos de países diferentes, que falássemos línguas diferentes, se ambos estávamos unidos por laços superiores a tudo isso? Acima de tudo éramos escoteiros, membros de um Movimento que não é nem português nem francês! É mundial. E era preciso que nós o sentíssemos e, felizmente, assim aconteceu.

Este pequeno conhecimento significou algo de grande para mim, porque senti ainda mais vivo o pulsar do coração de escoteiro, por ver que, tão longe da minha Pátria eu afinal estava bem dentro dela pois tinha junto de mim jovens que faziam o que eu costumava fazer na sede ou no campo. Podia lá ser? — interroguei-me depois daquele encontro. Mas era real, o Movimento é grande e poderoso. A juventude não está perdida enquanto dois jovens escoteiros se encontrarem, seja numa estação de comboios ou num aeroporto, quer sejam brancos ou pretos. Acima de tudo, são escoteiros membros do Movimento criado por Baden-Powell.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 294

Outubro de 1969

O Escotismo e as Universidades

Foi lição muito útil para mim a excelente entrevista concedida ao «Sempre Pronto» por M. Philippe Tossijn, camarada ilustre que **é** escoteiro porque **foi** escoteiro; que honra o Escotismo em actividade da Fraternal Internacional dos Antigos, e se sente honrado por um movimento que, desde a adolescência, foi factor grande da sua formação. Não é novo, nem velho: é escoteiro. Não necessita de adoptar a moda juvenil das minúsculas em tudo, pois se conserva Homem com letra grande. Poliglota, fala, além de outras, a linguagem da sinceridade e da fraternidade, como bom escoteiro.

Fez-nos o entrevistado pensar no grave assunto da incompatibilidade dos princípios e métodos escoteiros com certas actividades duvidosamente sociais, afinal problema geral da educação digna deste nome, a qual não consiste em amansar, domar ou domesticar, nem mesmo em treinar, adestrar ou exercitar. Assim como a competição genuína, no desporto, é um método, implícito ou explícito, de cooperação, de que beneficia vencedor e vencido, também o escotismo autêntico tem à vista o seu alvo, para aqueles que sabem ver. Na vida prática, pode o escoteiro ser fiscal e não contrabandista; ganadeiro ou avicultor e não atormentador de animais; economista e não olheiro de roleta; político e não politicante; etc., etc... Os seus métodos de participação na vida colectiva devem ser sempre o diálogo compreensivo, honesto e sóbrio, a acção cooperadora, útil, oportuna.

*

Antes destas singelas congeminações lera eu que os astronautas norte-americanos últimamente tão falados pelos extraordinários feitos levados a cabo, todos evidentemente com cursos universitários ou de técnica superior, foram na maior parte escoteiros. Isto me leva a pensar que o Escotismo é, de certo modo, actividade «para-universitária», e explico porquê. Os estudos superiores são tendentes a uma preparação livresca, ou de serenidade laboratorial, o que não empana o seu brilho nem limita o seu valor. Mas tão sensível tem sido por vezes essa tendência que algumas das altas corporações de estudo promovem a chamada extensão universitária, com inquéritos, excursões de cunho científico, etc.

Pois bem: imaginemos agora um encontro, no mesmo indivíduo, do espírito prático do jovem que no seu grupo actuou, viveu compreensivamente a natureza, aplicando imediatamente as teorias adquiridas, com ele-mesmo já adulto, entrando no campo dos altos-estudos, da disciplina mental, da especialização «em grande», sem perder o que ganhara, antes obtendo condições de valorizar esse pecúlio, alegre e forte, que o ajuda a conservar o sorriso franco e aberto, o olhar directo e leal, que atrai e conforta.

É o caso pessoal de escoteiros chefes, um deles Professor Engenheiro, tão dedicado aos problemas agrários a bem do povo; outro, também Professor catedrático, chamado a governar amando. Um Henrique de Barros e um Marcello Caetano, por exemplo.

EDUARDO MOREIRA

Dos amigos do «Sempre Pronto»

DE LUTO

Por falecimento de sua mãe, ocorrido em 22 de Setembro passado, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. António Pinto, membro da direcção do Grupo 23, de Queluz, a quem endereçamos os nossos sentidos pêsames.

DOENTE

O nosso estimado assinante sr. Augusto Gomes Sequeira, funcionário da Papelaria da Moda, que esteve retido no leito por doença, encontra-se já em franca recuperação, com o que nos congratulamos, desejando-lhe completo restabelecimento.

DE MÊS PARA MÊS

NOVO ANO ESCOTEIRO



O mês de Outubro já principiou e esse facto serviu para nos recordar que antigamente era tradicional iniciar, nesta altura, um novo ano escoteiro. O verão terminara e com ele a época mais propícia para a actividade do ar livre: acampamentos, excursões, grandes jogos. Quem, entre os «antigos», não se recordará dos grandes acampamentos da Musgueira, do Alfeite, de Carcavelos?

Com o princípio do Outono, estabeleciam-se novos programas de actividades, de que o campo não era ainda excluído. Havia então actividades mais próprias do inverno. Concentrações na A. C. M. de Lisboa e Porto, no Ateneu, no Campo Grande, na Serra do Pilar, em Faro e, ainda, as grandes comemorações na Sociedade de Geografia.

Os grupos faziam também as suas festas aniversariantes, em que o entusiasmo imperava.

Hoje ninguém se lembra já de que o Novo Ano Escoteiro começa em 1 de Outubro. E para quê? Não houve plano de actividades que terminasse e não há programa para a época que chega. Dos órgãos superiores não surge uma iniciativa, não se comemora qualquer data, não há directrizes.

... e se tentássemos promover um Novo Ano Escoteiro? Talvez mereça a pena...

ESCOTEIROS E NÃO ESCOTEIROS!

FILATELISTAS E NÃO FILATELISTAS!

O nosso apelo está sendo atendido de uma forma muito simpática. O nosso amigo sr. Eduardo Alberto Alves da Silva, de Luanda, enviou novo pacote com selos postais usados. Também da Beira, o dirigente escoteiro sr. Maximiano Baptista Leiria nos remete um pacote de selos, bem como os srs. Francisco da Silva Maurício, do Grupo n.º 77, de Faro, e Justino Estevão de Oliveira e Silva, do Grupo n.º 23, de Queluz.

Os selos que têm sido recebidos vão ser remetidos pela Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal à Repartição Mundial de Escotismo, com destino ao Fundo especialmente criado para auxiliar o Escotismo de Extensão (cegos, deficientes motores, etc.) nos países que mais carecerem desta ajuda.

A todos os amigos que generosamente têm atendido o apelo feito, apresentamos os nossos agradecimentos.